

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

SEMINÁRIO "O FUTURO DO ENSINO AGRÁRIO EM PORTUGAL"

COLÓQUIO "ENSINO POLITÉCNICO AGRÁRIO"

MERCADO DE TRABALHO, EMPREGO E FORMAÇÃO

Manuel Mendes de Sousa Adaixo

Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior Agrária de Santarém

20 Julho 1994

MERCADO DE TRABALHO, EMPREGO E FORMAÇÃO

1 . Condições de inserção na vida profissional

Relativamente a este assunto apresentamos alguns dados e respectivas discussões e conclusões fundamentalmente baseados no estudo de inserção profissional dos diplomados pela ESA de Castelo Branco. Assim, neste capítulo pretende-se identificar as condições de emprego e dificuldades na obtenção do emprego, e ao mesmo tempo tentar uma caracterização da procura de emprego e do processo de obtenção do emprego.

1.1 . Condições do emprego

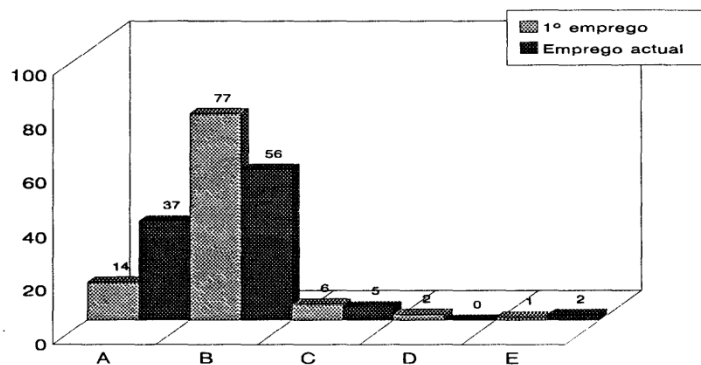
A fim de se identificarem as condições de emprego recorreremos aos critérios, tipo de vínculo à entidade empregadora e regime horário. Os dados foram estudados relativamente ao primeiro emprego e ao emprego actual.

Relativamente ao tipo de **vínculo à entidade empregadora** (Fig. 1), constata-se que o contrato a prazo é o principal tipo de vínculo que os diplomados contraem no seu primeiro emprego.

Tal facto não nos constrange, dado que as tendências actuais, nos diversos sectores, se encaminham nesse sentido. Contudo, no que diz respeito ao emprego actual, verifica-se uma tendência para a inversão da situação, no sentido de ser maior a percentagem de contratos permanentes do que as outras modalidades.

Pensamos que o desejo de encontrar um emprego com contato permanente será um dos factores que poderá conduzir à mudança de emprego e também a uma melhoria da satisfação no emprego. Dado que a estabilidade é, no nosso entender, por vezes, mais desejada do que o aumento de outras regalias, nomeadamente as salariais

Figura 1 - Distribuição do vínculo à entidade empregadora, 1º emprego e emprego actual, (%) (ESACB).

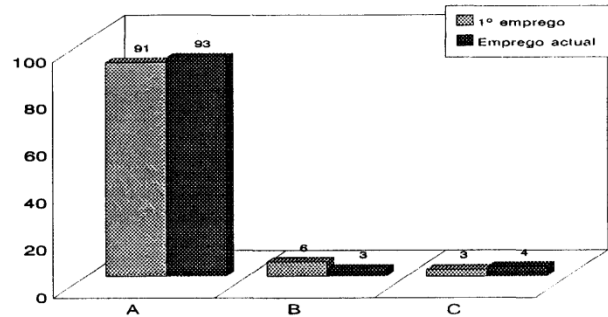


A - Contrato permanente D - Em estágio
 B - Contrato a prazo E - Á experiência
 C - Contrato à tarefa

* 1º emprego 96 respostas e emprego actual 92 respostas

Relativamente ao tipo de **regime horário**, verificou-se que o regime "Horário a tempo completo" é o que caracteriza a grande maioria dos empregos, tanto no 1º emprego como no emprego actual (Fig. 2). Esta distribuição em parte justifica-se pelo facto de a grande maioria dos diplomados serem empregados por conta de outrem, havendo poucos que exerçam a sua actividade em regime de prestação de serviços ou à tarefa. Por outro lado, pensamos que será lícito depreender que os diplomados praticamente não exercem actividade em regime de consultadoria ou de avença, o que nos leva a levantar a dúvida se a razão está dependente da oferta ou da procura. Possivelmente estará nas duas, importa então, estudar em que medida e de que forma se interrelacionam.

Figura 2 - Regime de horário, 1º emprego e emprego actual, (%) (ESACB).



A - Horário a tempo completo

B - Horário a tempo parcial por obrigação

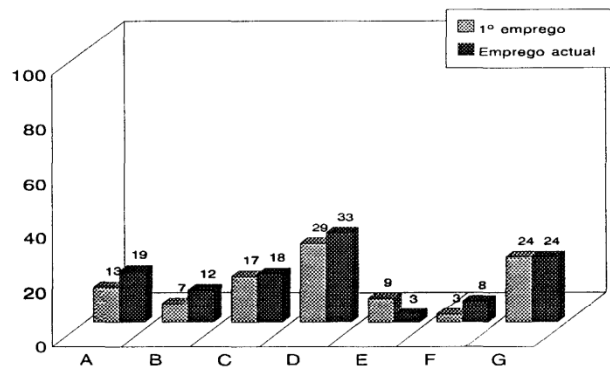
C - Horário a tempo por preferência

* 1º emprego 100 respostas e emprego actual 96 respostas

1.2 . A procura de emprego

Na abordagem que efectuamos para caracterizar a procura de emprego, optamos por identificar os factores considerados como favoráveis na procura de emprego, conhecer o tipo de emprego que é desejado pelos diplomados e tentar posicionar o curso face à procura de emprego. Deste modo, relativamente aos **factores favoráveis à obtenção e emprego**, verificou-se que tanto no 1º emprego, como no emprego actual, o factor que revela ter maior importância na obtenção do emprego é o "relacionamento social" de cada indivíduo, (Fig. 3). De entre os factores relacionados com o Curso, o estágio e a formação teórica foram os mais relevantes. Será também importante realçar a elevada percentagem de indivíduos que referiram não ter verificado a influência de nenhum factor em especial, como determinante na obtenção de emprego. Da mesma forma, realçamos a baixa percentagem em que as acções desenvolvidas pela ESA contribuíram para a obtenção do emprego.

Figura 3 - Factores favoráveis à obtenção de emprego, (%) (ESACB).

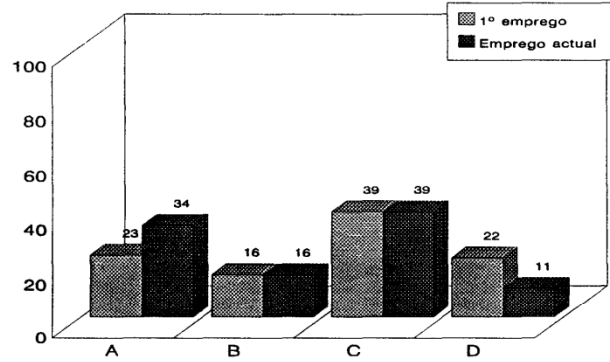


- A - Boa formação teórica
- B - Boa formação prática
- C - Estágio
- D - Bom relacionamento social
- E - Acções desenvolvidas pela ESA
- F - Grande procura de técnicos
- G - Nenhum em especial

* 109 respostas

No que respeita à orientação da procura de emprego, verifica-se que o 1º emprego, é menor a percentagem dos que procuram emprego relacionado com a formação específica em relação ao emprego actual (Fig. 4). Pensamos que no 1º emprego os jovens diplomados vão um pouco pelo lema "aceita-se qualquer tarefa", o que está em jogo é a independência económica que se anseia por alcançar. Na mesma linha de pensamento surge-nos uma percentagem de indivíduos que no 1º emprego não tem qualquer tipo de preferência com um valor duas vezes superior à da referida no emprego actual. Cerca de um terço dos diplomados referem ter procurado emprego relacionado com a sua formação geral, o que indicia a fraca oferta de empregos relacionados com a formação específica.

Figura 4 - Orientação da procura de emprego, (%) (ESACB).



A - Empregos relacionados com a formação específica

B - Empregos relacionados com o estágio

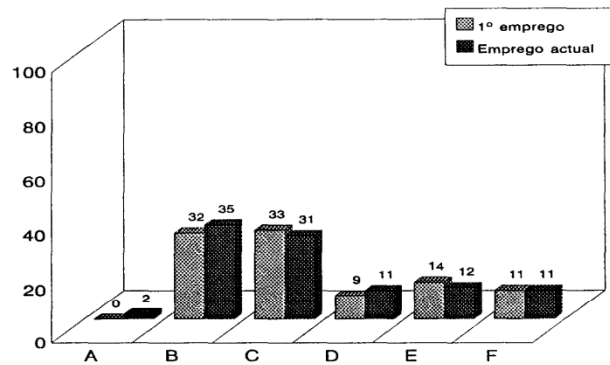
C - Empregos relacionados com a formação geral

D - Nenhum em especial

* 1º emprego 64 respostas e emprego actual 92 respostas.

As preferências dos diplomados para o 1º emprego caíram fundamentalmente sobre o MAPA ou sobre o sector produtivo privado (Fig. 5). Na impossibilidade de satisfação da 1ª preferência, os diplomados referiram as Cooperativas/Associações e Agro-Indústrias como as entidades que preferiam em segundo lugar.

Figura 5 - Preferência por entidades empregadoras na procura de emprego, (%) (ESACB).



A - Comercial
 B - Produtivo privado
 C - MAPA
 D - Associações/Cooperativas
 E - Instituições de ensino
 F - Agro-industrial

* 1º emprego 87 respostas e emprego actual 91 respostas

Analisando a distribuição das preferências por entidades empregadoras em relação ao **emprego actual**, verificamos que é idêntica à do 1º emprego. Aliás, o que nos parece natural, já que o período de tempo que poderá ter decorrido não deverá ter tido influências no sentido de alterar as preferências.

Assim, verifica-se que as intenções de trabalhar no sector produtivo privado e no Ministério da Agricultura prevalecem em relação às outras, embora no 1º emprego a primazia pertença ao MAPA e no emprego actual pertença ao sector produtivo privado.

Como principais alternativas à primeira preferência surgem as intenções de trabalhar em Associações ou Cooperativas e no sector Agro-Industrial. Pensamos que estes valores se justificam pelo facto das actividades a desenvolver no MAPA além de estarem normalmente relacionadas com o tipo de Curso, também oferecem condições de trabalho, estabilidade e possibilidades de progressão que são conhecidas e consideradas como aceitáveis. É natural que na impossibilidade de se conseguir emprego no MAPA, se tenha a pretensão de ingressar numa Associação ou Cooperativa, uma vez que nestas normalmente a situação é mais ou menos idêntica. Já no que diz respeito às Agro-Indústrias pensamos que além de ser um tipo de actividade que se afigura mais ou menos

promissora, com um provável incremento nos próximos anos, conta também com o aspecto de que normalmente os salários e outras regalias nas empresas privadas serem, normalmente, superiores em relação aos do Estado.

O estudo permite-nos, ainda, adiantar que a distribuição das preferências, relativamente ao ano de formatura e ao sexo dos diplomados, é praticamente homogénea. De realçar apenas a tendência para aumentar a preferência pelo emprego no sector produtivo privado verificada nos diplomados mais recentes.

No que respeita às **funções que gostariam de desempenhar nos seus empregos**, a distribuição por Cursos representada no Quadro 1, indica-nos terem os diplomados uma grande apetência para trabalharem directamente com agricultores e para desenvolverem trabalho de equipa.

Nota-se também uma percentagem razoável de diplomados que se mostraram interessados em ser responsáveis por explorações. Entendemos este facto como uma consequência do gosto pelo campo ou pelas actividades com ele relacionadas, que de certa forma os diplomados manifestaram ao referirem que ingressaram nos seus Curso principalmente por gosto pessoal. Além disso, deixa-nos transparecer uma certa necessidade que os técnicos têm de se afirmar ao assumirem lugares de responsabilidade e de chefia. Importa ainda realçar a baixa percentagem dos que referem gostar do trabalho de gabinete.

Quadro 1 - Distribuição das preferências dos diplomados da ESACB em relação às funções a desempenhar no emprego

Tipo de funções preferidas	(%)
Apoio a agricultores	37
Trabalho integrado numa equipa	29
Responsável por uma exploração	14
Posto de chefia numa organização	9
Dar formação	9
Trabalho de gabinete	2

N = 104

Para criarmos um quadro amplo que possa deixar transparecer em que medida o tipo de Curso pode influenciar a procura de emprego solicitámos aos diplomados que nos indicassem os aspectos que eles consideram vantajosos e desvantajosos relativamente a este assunto. Da informação obtida ressalta a "formação" como denominador comum das

vantagens mais representativas (Quadro 2). A brevidade do Curso, o facto de este ser um Curso superior e que se presta ao desempenho de um leque diverso de actividades constituíram também, factores que foram referidos com frequências consideráveis. Um aspecto relevante é o não reconhecimento de qualquer vantagem por parte de 17% dos respondentes ao questionário. Se a este facto associarmos os valores das percentagens anteriormente referidas como sendo baixos, leva-nos a crer que a influência que os diplomados reconhecem ao Curso em relação à procura de emprego é fraca. Mas, de certa forma, deixa-nos implícita a ideia de que o problema não será tanto com o Curso "formação", mas mais com os outros factores que se encontram também relacionados com o Curso e que nos foram apresentados como desvantagens. As restantes vantagens apesar de não terem expressão tão significativa não deixam de se ser importantes.

Dos respondentes ao questionário só 36% responderam a esta questão. Pensamos que este facto poderá de alguma maneira ser interpretado como uma dificuldade de encontrar uma resposta e como a pergunta era aberta, não sugerindo portanto a resposta "nenhuma" quando se tratasse disso, ficamos com a dúvida de quantos dos que não responderam a esta questão, teriam referido não encontrar nenhuma vantagem que o Curso apresente relativamente à procura de emprego.

Quadro 2 - Identificação das vantagens que os diplomados da ESACB reconhecem ao Curso em relação ao emprego

Vantagens	Resp	(%)
Boa formação prática	17	18
Boa formação teórica	16	17
Sem vantagens nenhuma	16	17
Possibilidade de exercer diversas actividades	14	15
Boa formação geral	12	13
Curso superior	7	7
Curso breve	4	4
Curso adequado às necessidades da região	4	4
PAC está favorável	3	3
Estágio em situação profissional	2	2
Um bacharel recebe salário inferior	2	2
Poder dar aulas enquanto espera	1	1

* Cada diplomado podia referir mais do que uma vantagem. ** 39 respondentes

Da análise do Quadro 3, constatamos que o desconhecimento do Curso é o factor desvantajoso com mais expressão (23%), ao qual podemos associar ainda uma expressiva falta de reconhecimento do Curso (20%). Ainda relacionados com o Curso, outros dois aspectos se destacam: o facto de ser um Curso de Bacharelato e a indefinição de carreiras. A fraca oferta de empregos constitui também um dos principais factores que afecta significativamente a obtenção do mesmo. Aos aspectos atrás referidos seguem-se os relacionados com a formação e outros de menor expressão. Julgamos, ainda, importante realçar o facto de três diplomadas terem referido a preferência dos empregadores por diplomados do sexo masculino.

Quadro 3 - Identificação e distribuição da frequência dos aspectos considerados como desvantagens do Curso em relação à obtenção de emprego (ESACB).

Desvantagens	Resp	(%)
Desconhecimento do Curso	28	23
Falta de empregos	25	20
Bacharelato	14	11
Carreira indefinida	13	10
Falta de reconhecimento	10	8
Formação fraca	8	7
Falta de experiência	7	6
Excesso de técnicos	4	3
Curso muito teórico	3	2
Preferência pelo sexo masculino	3	2
Falta de especialização	2	2
Falta de apoio da ESACB	2	2
Desconhecimento das capacidades dos técnicos	2	2
Curso desadaptado da realidade	1	1
Remuneração baixa	1	1

* Cada diplomado podia referir mais do que uma desvantagem. ** 58 respondentes

O desconhecimento do Curso e a falta de empregos estão de certa forma associados. É importante reter que, o empenho que a ESACB tem em divulgar os seus Cursos não é normalmente acompanhado por uma necessidade manifesta dos potenciais

empregadores, em conhecer e definir no seio das suas próprias estruturas os perfis dos técnicos de que necessitam, o que torna essa tarefa de divulgação pouco eficaz. Pensamos que acima de tudo existe um problema de comunicação ou de informação, que esperamos que se venha a ultrapassar com a intensificação das relações Escola/Entidades empregadoras.

1.3 . Dificuldades na obtenção de emprego

As dificuldades que os diplomados referiram ter enfrentado na obtenção do seu emprego foram principalmente:

- o emprego temporário;
- a falta de empregos;
- a indefinição da carreira;
- a falta de experiência e
- a remuneração insuficiente (Quadro 4).

O quadro 4 permite-nos comparar, de uma forma global, as dificuldades sentidas na obtenção do 1º emprego com as sentidas na obtenção do emprego actual. Assim, constata-se que as dificuldades do primeiro emprego são sentidas com uma frequência idêntica no emprego actual.

Quadro 4 - Dificuldades sentidas na obtenção de emprego (ESACB)

Dificuldades	1º emprego		emprego actual	
	Resp	(%)	Resp	(%)
Emprego temporário	47	19	42	19
Falta de empregos na região	42	17	32	15
Remuneração insuficiente	31	12	31	14
Inexistência de uma carreira bem definida	31	12	27	13
Falta de experiência	29	12	26	12
Desconhecimento dos Cursos pelas empresas	20	8	17	8
Formação inadequada	14	6	11	6
Más condições de trabalho	13	5	9	4
Preferência de mão de obra do sexo oposto	12	5	9	4
Situação militar não regularizada	6	2	9	4
Nenhuma	5	2	3	1

* Cada diplomado podia referir até quatro dificuldades. ** 109 respondentes

Em relação aos empregos temporários, podemos considerar que o que verificamos está de acordo com as tendências actuais nos diversos sectores. Mas a falta de empregos, apesar de depender dos pontos de referência em que foi considerada ou dos moldes em que se processou a procura, não deixa de constituir um sinal de alerta de um problema bastante mais difícil de ultrapassar. A indefinição da carreira é, no nosso entender, um problema mais de quem emprega do que de quem forma. Esclarecemos que esta indefinição da carreira é, normalmente, referida em associação com os problemas que os diplomados têm sentido a fim de serem reconhecidos para leccionar ou empregarem-se em Serviços do Estado. A remuneração insuficiente é quase como que uma consequência da situação criada pelos outros factores.

As outras possíveis dificuldades que colocámos à consideração dos diplomados atingiram algumas delas valores entre os 2 e 8%.

Na análise da distribuição das dificuldades por sexos, apesar de termos verificado uma certa semelhança entre os dois sexos, há também alguns aspectos a realçar, mais pelo seu significado do que propriamente pela sua expressão numérica:

- os casos a que correspondem os 5% de diplomados que referiram terem sido preteridos em relação a diplomados do sexo oposto, são todos do sexo feminino;
- a percentagem de diplomados que referiram terem tido dificuldades devido à falta de experiência, foi superior no sexo masculino;

A análise distribuição das dificuldades de obtenção do emprego actual, relativamente ao ano de formatura, revelou-nos que estas parecem não ter diminuído ao longo dos anos, como seria desejável. A diminuição mais relevante foi a que se verificou na percentagem dos diplomados que referiram não ter tido dificuldades, quando o desejável seria de que se registasse um aumento desta percentagem. Contudo, pensamos que esta diminuição é justificada pelo facto dos diplomados mais antigos estarem mais habilitados para a obtenção de emprego. A reforçar esta ideia, de que as dificuldades persistem, temos ainda o caso do "desconhecimento dos Cursos pelas empresas" e das "más condições de trabalho", em que se verificaram aumentos relativos consideráveis.

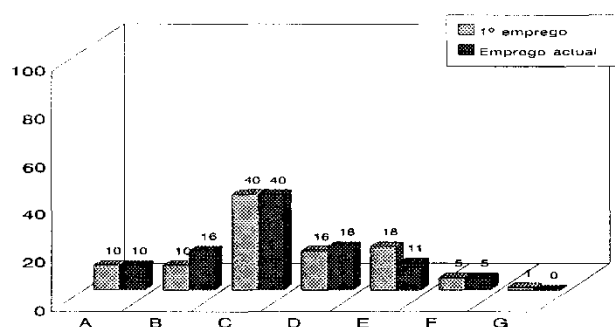
1.4 . Processo de obtenção do emprego

Para caracterizarmos o processo de obtenção de emprego, analisámos os meios utilizados na procura do emprego, os requisitos exigidos por parte da entidade empregadora no acto da contratação, ajudas na obtenção do emprego, recusas de emprego e respectivas razões.

Em relação aos meios utilizados na procura do emprego, as distribuições para o 1º emprego e emprego actual aproximam-se uma da outra (Fig. 6).

O meio que mais se destacou foi o "conhecimento pessoal", ao qual se seguiram, com percentagens bastante inferiores, os "contactos directos com as entidades empregadoras", a "ESACB" e os "avisos no Diário da República". Os concursos de professores são um meio de obtenção de emprego que, apesar de não constar no questionário, foi referido por nove diplomados.

Figura 6 - Meios através dos quais tiveram conhecimento do emprego, (%) (ESACB)



A - Respondeu a anúncios

B - Aviso no Diário da República

C - Conhecimentos pessoais

D - Contacto directos com os empregadores

E - Por intermédio da ESACB

F - Inscrição nas empresas ou organismos

G - Inscrição no centro de emprego

* 1º emprego 94 respostas e emprego actual 89 respostas

Pensamos que esta distribuição vem de encontro à forma de estarmos na sociedade que constituímos, em que as relações sociais que vamos desenvolvendo prevalecem, sempre que possível, sobre as instituídas pelas diferentes organizações.

Da análise do quadro 5 constata-se que há uma semelhança entre as duas distribuições, donde se destaca a percentagem de diplomados que referem não ter recebido **ajudas na obtenção do seu 1º emprego** (35%), sendo este valor ligeiramente superior no caso do emprego actual (32%).

Dentro dos que admitiram ter tido ajuda no 1º emprego apontaram os amigos, os professores e pais como os principais apoios na sua obtenção. Para o emprego actual verificou-se sensivelmente o mesmo, havendo só a registar a menor percentagem relativa aos professores. Esta diferença é natural que se verifique, uma vez que é frequente os professores deixarem de ter contacto com a maioria dos seus antigos alunos. Pensamos, pois, que estes valores atestam de certa forma as capacidades que a ESA e seus professores têm para apoiar os recém formados. Como é natural esse apoio verifica-se essencialmente na obtenção do primeiro emprego, uma vez que após este os diplomados já possuem outros contactos e conhecimentos, sobre o mercado de trabalho e outros, que lhes possibilitam o acesso a outros empregos, e também porque normalmente o contacto com a escola se vai restringindo. Contudo, pensamos que algo mais poderá ser feito para que estes contributos possam vir a melhorar, no sentido de se prestar mais e melhor apoio aos diplomados e alunos.

O facto de mais de um terço ter referido que não recebeu qualquer apoio, poderá constituir um indicador da capacidade que os diplomados têm em se integrar no mercado de trabalho. É ainda importante referir a expressividade do valor da percentagens que a variável "amigos" alcança, cerca de um quarto, o que no nosso entender, nos mostra o peso da condição e das relações sociais na obtenção dos seus empregos.

Quadro 5 - Ajudas com que os diplomados da ESACB contaram na obtenção do emprego.

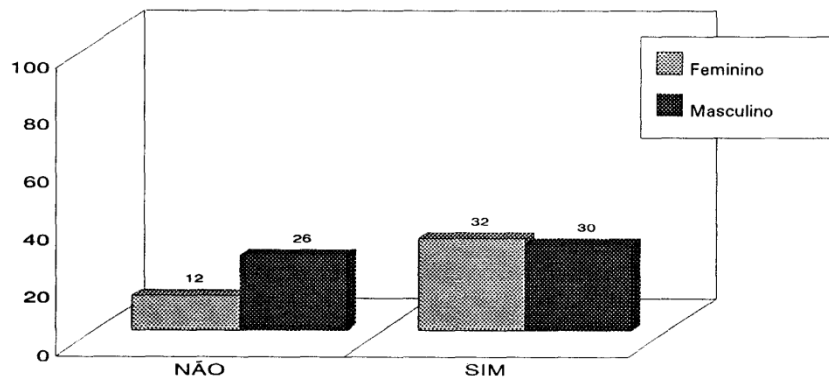
Ajudas	1º emprego		Emprego actual	
	Resp	(%)	Resp	(%)
Ninguém	34	35	29	32
Amigos	24	25	23	26
Pais	10	10	12	13
Professores	15	16	9	10
Colegas	6	6	7	8
ESACB	5	5	7	8
Centro de emprego	2	2	2	2
Outros	1	1	1	1

* Cada diplomado podia responder a mais que um tipo de ajuda.

No que respeita às recusas de emprego, verificamos que 62% dos diplomados referiram terem "tentado a obtenção de outros empregos". Os diplomados mais recentes foram os que responderam maioritariamente de forma afirmativa, relativamente a esta questão, ao passo que, os diplomados mais antigos referiram em percentagens elevadas que não tentaram outros empregos. Esta diferença poderá servir-nos como um indicador da evolução do mercado de trabalho em que os diplomados se tentam inserir, no qual, no nosso entender, parece haver uma tendência para diminuir a oferta de emprego por parte das entidades empregadoras, e uma tendência para aumentar o número de diplomados à procura de emprego.

Relativamente à distribuição das recusas por sexos (Fig. 8), verifica-se que dentro dos diplomados que responderam afirmativamente, as distribuições são aproximadas. Por outro lado, no que diz respeito aos que responderam negativamente, verifica-se que a frequência do sexo masculino é o dobro da do sexo feminino.

Figura 8 - Recusas na obtenção de emprego, por sexo, (%) (ESACB).



* 77 respostas.

No que respeita às razões porque foram recusados, apenas obtivemos 33 respostas, apesar de o número de recusados ter sido bastante superior (48). Pensamos que este facto deve-se à dificuldade que alguns diplomados tiveram em responder, talvez por não terem conhecimento concreto da razão pela qual foram recusados, pois alguns diplomados referiram que não tinham conhecimento sobre o que na verdade se tinha passado.

Dos motivos que fundamentaram as recusas na obtenção de emprego, expressos no quadro 6, destaca-se a "falta de experiência" como o principal motivo (39%). Apesar

de serem os valores mais expressivos, na realidade acabam por ser bastante naturais, uma vez que se trata do primeiro emprego, para o qual na maior parte das vezes não receberam formação específica. Podemos até referir que a falta de experiência é sempre um factor que acompanha qualquer recém-formado.

É também importante salientar que nos 33% que referiram ter sido preteridos em relação a técnicos do sexo oposto, não estão incluídos quaisquer diplomados de Produção Florestal. O mesmo acontece com o motivo "formação insuficiente".

Quadro 6 - Motivos que serviram de fundamento às recusas na obtenção de emprego, por ano de formatura (ESACB).

Motivos da recusa de emprego	1987/88		1989/90		1991/92		Total	
	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)
Falta de experiência	4	25	2	40	7	58	13	39
Preferência por técnicos do sexo oposto	6	38	3	60	2	17	11	33
Formação insuficiente	5	31	0	0	1	8	6	18
Situação militar	1	6	0	0	1	8	2	7
Excesso de formação	0	0	0	0	1	8	1	3

* Cada diplomado podia responder com mais do que um motivo.

Analisando o quadro segundo o ano de formatura, verificamos que como seria de esperar, são os diplomados mais recentes que se queixam mais da falta de experiência. Contudo, o aspecto mais relevante destes dados reside no facto de se verificar um decréscimo dos diplomados que referem ter sido preteridos em relação a colegas do sexo oposto, o que poderá ser um bom indício de mudança de atitudes relativamente à discriminação sexual no emprego.

Ainda em relação às recusas de emprego, verificamos uma percentagem de 10% de indivíduos que nos referiram terem sido recusados, sem lhes terem dado a conhecer as razões dessa recusa, ou qualquer tipo de informação do género. Alguns diplomados manifestaram-nos o seu desagrado pela forma como eram feitos determinados anúncios ou concursos sobre empregos, para os quais já havia um candidato que reunia, à partida, condições mais vantajosas relativamente aos outros possíveis candidatos. O concurso era, portanto, apenas um pró-forma a cumprir. Outros referiram que por vezes são chamados a entrevistas só para cumprir essa pró-forma, e que normalmente o lugar é atribuído a

licenciados com quem concorrem em desvantagem, sem que tal tivesse sido esclarecido no concurso.

1.5. Percentagem de desempregados

Como se pode verificar pelo Quadro 7, em relação aos desempregados, pensamos que é um valor relativamente baixo, uma vez que neste valor estão incluídos os diplomados que ainda não conseguiram o seu primeiro emprego.

Quadro 7 - Percentagem de desemprego, diplomados das ESACB e ESAS

Diplomados até	Respondentes	Respondentes desempregados (%)
Julho de 1992	263	9,3

1.6. Inserção profissional /sectores de emprego, por Curso

Como se pode observar no Quadro 8 é grande o contingente de formados que é absorvido pelos Ensinos Preparatório e Secundário.

Quadro 8 - Inserção profissional/Sectores de emprego dos diplomados das ESACB e ESAS, por Curso

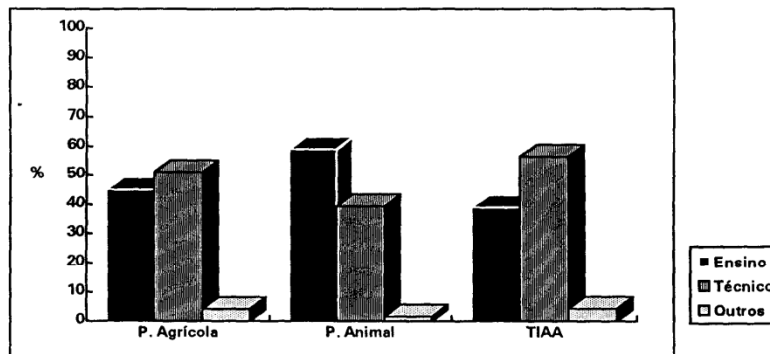
Curso	%				
	Actividades técnicas	Ensino preparatório e secundário	Ensino técnico e formação	Encarregados de trabalhos	Outros
Produção Agrícola	45,5	33,7	11	7,9	1,9
Produção Animal	38,6	39,7	13,3	6	2,4
Produção Florestal	50	20	20	10	0
TIAA	87	8,7	0	4,3	0
Total por sectores de emprego (%)	47,6	32,7	11	6,9	1,8

Quadro 9 - Distribuição do número de diplomados da ESAS, por sexo, segundo os primeiros empregos em termos de actividades.

Actividades	Produção Agrícola		Produção Animal		TIAA		Totais	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Técnicas	7	29	7	17	6	7	20	53
Ensino secundário e preparatório *	20	5	22	10	5	4	47	19
Ensino técnico e formação	3	2	1	1	0	0	4	3
Encarregados de Trabalhos	0	2	1	1	0	0	1	3
Outras	1	2	0	1	0	1	1	4

* Alguns dos inquiridos que colocam o ensino como emprego indicam também acções esporádicas de formação nas áreas agrícolas, considerando-se o primeiro como principal.

Figura 9 - Valores percentuais por áreas empregadoras para cada uma dos cursos da ESAS, no primeiro emprego dos diplomados respondentes.



Quadro 10 - Entidades empregadoras, emprego actual, por curso (ESACB).

Entidades empregadoras	Agrícola		Animal		Florestal		Total	
	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)
Ministério da Educação	8	37	10	29	4	31	32	34
Serviços agrários do estado	10	21	5	14	5	28	20	21
Empresas privadas	5	10	7	20	2	15	14	15
Cooperativas/Associações	8	17	2	6	1	8	11	11
ESACB	4	9	6	17	1	8	11	11
Empresas privadas agrícolas	2	4	5	14	0	0	7	7
Câmaras Municipais	1	2	0	0	0	0	1	1

Estas respostas referem-se aos diplomados que trabalham por conta de outrem (88%).

Quadro 11 - Entidades empregadoras no emprego actual, por sexos (ESACB).

Entidades empregadoras	Feminino		Masculino		Total	
	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)
Ministério da Educação	20	43	12	24	32	34
Serviços agrários do estado	10	22	10	20	20	21
Empresas privadas	3	6	11	22	14	15
Cooperativas/Associações	4	9	7	14	11	11
ESACB	8	18	3	6	11	11
Empresas privadas agrícolas	1	2	6	12	7	7
Câmaras Municipais	0	0	1	2	1	1

Estas respostas referem-se aos diplomados que trabalham por conta de outrem (88%).

Os diplomados do sexo feminino têm uma maior representatividade no Ensino em relação aos diplomados do sexo masculino, o mesmo se verificando relativamente a outros sectores que foram pesquisados nos inquéritos, não apresentados neste trabalho. Existe nos cursos de produção uma maior dificuldade por parte dos diplomados do sexo feminino em obter um primeiro emprego relacionado com o curso. No curso de Tecnologia das Indústrias Agro-alimentares (ESAS) existe um equilíbrio relativo para todos os sectores de emprego. Os diplomados do sexo masculino (ESACB) estão representados maioritariamente no apoio técnico e vulgarização. No caso da ESAS, no geral, as maiores dificuldades na obtenção de emprego nas actividades técnicas verificam-se nos cursos das produções, principalmente na Produção Animal.

1.7. Localização do emprego

Relativamente à localização do emprego verifica-se que, nas duas Escolas para os quais existem dados, no que diz respeito a este aspecto, a fixação de formados nas regiões das Escolas se situa à volta dos 50%.

No caso da ESACB 48% dos formados encontram-se empregados nos concelhos que compõem a área de influência da Escola e os restantes 43% noutras regiões.

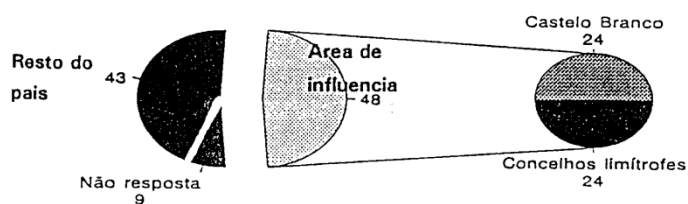
No caso da ESAS 50,6% dos formados encontram-se empregados na Região do Ribatejo e Oeste e os restantes 49,4% noutras regiões. Há, contudo, no caso desta Escola, a assinalar a influência da Área de Lisboa e da Grande Lisboa que absorve quase tantos formados como o conjunto das outras regiões.

Quadro 12 - Número de respostas distribuídas geograficamente pelas regiões onde os diplomados da ESAS exercem actualmente a sua actividade profissional

Cursos	Ribatejo e Oeste	Lisboa e grande Lisboa	Outras regiões
Prod. Agrícola	39 (54,9%)	17 (23,9%)	16 (22,5%)
Prod. Animal	28 (45,9%)	19 (31,1%)	14 (22,9%)
TIAA	11 (47,8%)	4 (17,4%)	6 (26,1%)

Pensamos que estes valores vêm afirmar as ESA's como importantes pólos de desenvolvimento regional, estando, de igual modo, a contribuir para o desenvolvimento nacional.

Figura 10 - Distribuição do emprego actual por concelhos (%) ESACB.

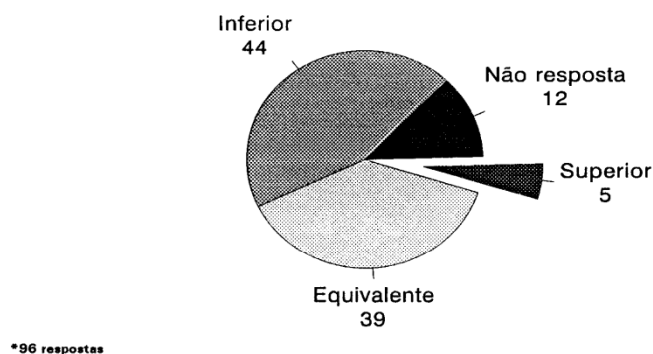


2 . Satisfação profissional

Apesar de ser bastante subjectiva a determinação do nível de satisfação profissional, pensamos que através da análise da opinião que os diplomados têm sobre algumas características inerentes ao emprego, tais como: a remuneração, as intenções de permanência no emprego, a satisfação com o emprego, o percurso profissional e anseios profissionais, se poderá ter uma ideia da sua satisfação profissional.

Cerca de metade dos diplomados referiram receber ordenados inferiores ao que julgam ser o valor habitual para as funções (Fig. 11). Apenas 5% referiram auferir rendimentos superiores à média. Os outros disseram receber em condições de igualdade. Apesar destes valores poderem estar envolvidos de alguma ambiguidade, eles traduzem, de certa forma uma insatisfação de metade dos diplomados em relação aos salários.

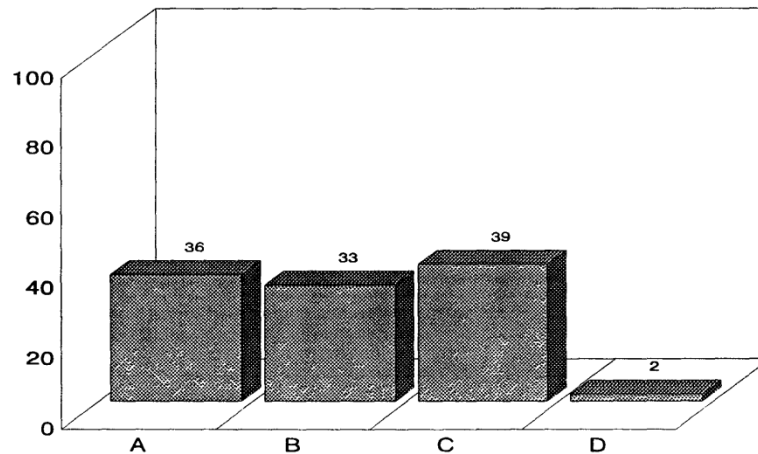
Figura 11 - Opinião relativa que os diplomados têm do seus ordenados, (%) (ESACB).



Quando interrogados sobre a intenção de permanência no seu emprego um terço dos diplomados responderam não estarem interessados em mudar de emprego (Fig. 12); os restantes referiram estarem interessados na mudança desde que pudessem auferir remunerações superiores, ou então melhores condições. Pensamos que estes valores

traduzem bem a vontade e a necessidade que os diplomados sentem em procurar uma situação de carácter mais definitivo e que melhor lhes satisfaça as expectativas. Pensamos que podemos afirmar que os diplomados estão a fazer um percurso profissional nesse sentido, apesar das contrariedades que, de alguma forma, vão atrasando esse processo.

Figura 12 - Intenção de permanência no emprego, (%) (ESACB).



- A - Não tem intenção de sair do emprego
- B - Sai para um emprego melhor remunerado
- C - Sai se encontrar condições que lhe agradem mais
- D - Sai para um emprego mais perto da residência

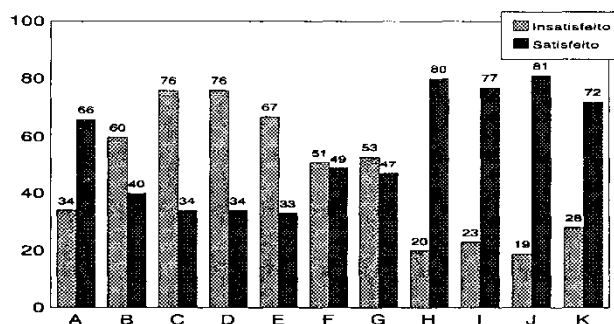
* 96 respostas

Através da figura 13, podemos depreender que relativamente ao **primeiro emprego** existem três grupos de situações distintas:

- o primeiro é constituído pelos factores remuneração, estabilidade e perspectivas de progressão, e que se caracteriza por um claro domínio da opinião "insatisfeito" que os diplomados têm sobre estes factores;
- o segundo é constituído pelos factores actualização de conhecimentos e desenvolvimento profissional, e que se caracteriza por um equilíbrio entre as opiniões "satisfeito" e "insatisfeito";

- o terceiro, é constituído pelos factores ambiente sócio-profissional, acesso ao local de trabalho, tempo livre, prestígio social e actividade profissional, e que é caracterizado pelo claro domínio da opinião "satisfeito".

Figura 13 - Opiniões sobre a satisfação com o 1º emprego, (%) (ESACB).



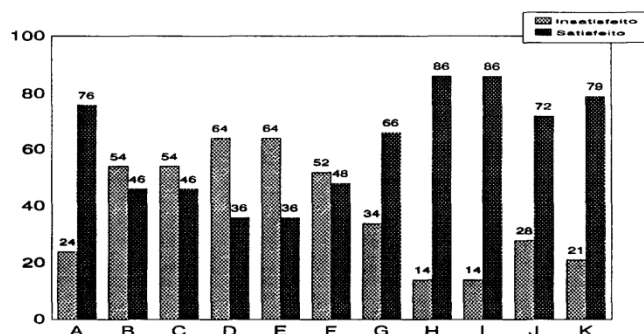
- | | |
|---|-----------------------------------|
| A - Actividade profissional | F - Actualização de conhecimentos |
| B - Remuneração | G - Desenvolvimento profissional |
| C - Estabilidade | H - Ambiente sócio-profissional |
| D - Perspectivas de progressão | I - Acesso ao local de trabalho |
| E - Perspectivas de melhorias salariais | J - Tempo livre |
| * 94 respostas | K - Prestígio social |

Numa análise global, parece-nos o que a Figura 13 nos deixa transparecer, é uma imagem de relativa insatisfação no que diz principalmente às condições que julgamos fundamentais num emprego. Apesar das respostas se reportarem a apenas 85% dos diplomados, não lhe retira grande significado, isto se atendermos que apenas os empregados (92% dos diplomados que responderam) é que poderiam responder a perguntas relativas ao emprego, este comentário aplica-se também na análise à Figura 28.

Em relação à satisfação no emprego actual, representada na Figura 14, a distribuição afigura-se idêntica à do 1º emprego. Contudo, os valores percentuais da

opinião "insatisfeito" são ligeiramente inferiores aos do 1º emprego, fazendo com que o domínio desta opinião não seja tão demarcado. Estas diferenças, que podemos traduzir como sendo ligeiros aumentos da satisfação no emprego, constituem uma indicação que as mudanças verificadas entre o 1º emprego e o emprego actual, se verificam no sentido de melhorar as condições de trabalho e, por consequência, a satisfação no emprego.

Figura 14 - Opinião sobre a satisfação com o emprego actual, (%) (ESACB).

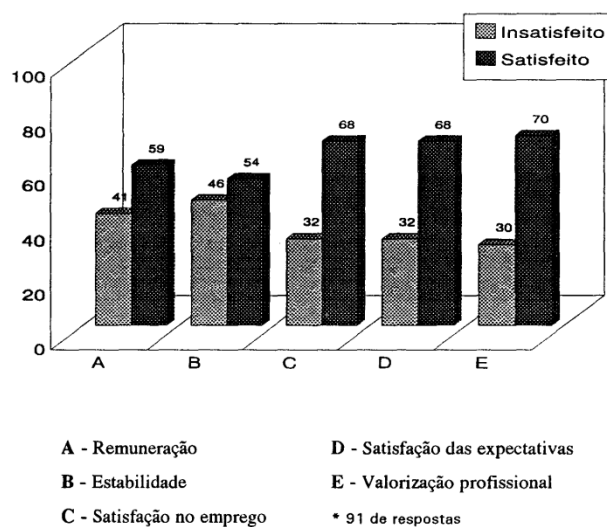


- | | |
|---|-----------------------------------|
| A - Actividade profissional | F - Actualização de conhecimentos |
| B - Remuneração | G - Desenvolvimento profissional |
| C - Estabilidade | H - Ambiente sócio-profissional |
| D - Perspectivas de progressão | I - Acesso ao local de trabalho |
| E - Perspectivas de melhorias salariais | J - Tempo livre |
| * 94 respostas | K - Prestígio social |

Relativamente aos critérios que lhes propusemos, a opinião dos diplomados, é, de uma forma global, satisfatória (Figura 15). Contudo, nota-se que no que diz respeito à remuneração e à estabilidade de emprego as percentagens não são tão expressivas pela opinião "satisfeito" como acontece para os outros critérios (Satisfação no emprego, Satisfação das expectativas e Valorização profissional). Nestes a percentagem de opiniões "satisfeito" é francamente superior à da opinião "insatisfeito".

Alertamos para o facto de que os diplomados mais recentes têm um percurso profissional mais curto, estando muitos deles ainda no seu primeiro emprego, o que de alguma forma condiciona a interpretação destes resultados.

Figura 15 - Opinião dos diplomados da ESACB sobre o seu percurso profissional, (%).



Estes valores são quase como uma síntese do que anteriormente foi exposto, e que no global, nos dão a conhecer as linhas de força em que se irá assentar a evolução do percurso profissional dos diplomados. Do primeiro emprego para o emprego actual verificou-se um decréscimo de 35%, relativamente aos diplomados empregados no ensino. Por outro lado verificaram-se aumentos nas percentagens de diplomados empregados em empregos mais relacionados com os Cursos: as empresas privadas e os Serviços do Estado registaram respectivamente 57% e 30% de aumento.

O último critério que utilizamos para avaliar a satisfação profissional, foi a identificação das expectativas dos diplomados face ao futuro, que apresentamos de seguida (Quadro 13). Apesar de não estarem representados por números expressivos, pois apenas correspondem a 40% dos diplomados, permitem-nos pela sua diversidade e frequência relativa, verificar que de certo modo estão em sintonia com as suas manifestações nos dados que temos apresentado.

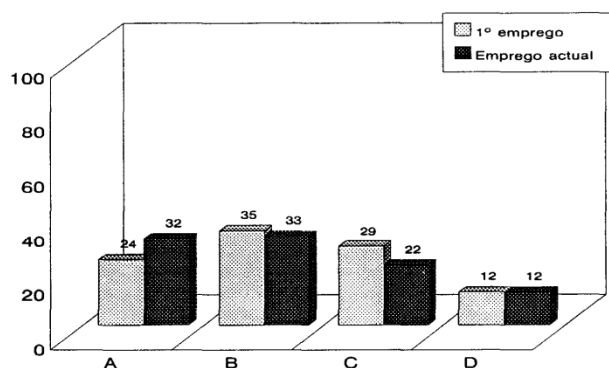
Quadro 13 - Identificação das expectativas dos diplomados da ESACB para o futuro face ao emprego.

Expectativas	Resp	(%)
Assumir funções de chefia/gestão	7	16
Progredir no emprego actual	6	15
Progredir na carreira técnica	5	12
Auferir de uma boa remuneração	5	12
Emprego com funções relacionadas c/ o Curso	4	10
Trabalhar em contacto directo com agricultores	3	7
Valorizar-se profissionalmente	3	7
Emprego estável	3	7
Licenciar-se	3	7
Fazer investigação	2	4

3 . Relação Formação/Emprego

No que respeita à **relação da formação com as funções profissionais desempenhadas pelos diplomados**, a maioria confirma a existência dessa relação (Fig 16). Apesar de no emprego actual a confirmação ser mais marcada. Contudo, não podemos deixar de expressar as elevadas percentagens de diplomados que dizem desempenhar funções pouco ou nada relacionadas com os Cursos, que no total correspondem a (41%) no 1º emprego e a 34% no emprego actual.

Figura 16 - Relação entre as funções desempenhadas no emprego e a formação proporcionada pela ESACB, (%).



A - Muito relacionadas

C - Pouca relação

B - Alguma relação

D - Nenhuma relação

* 100 de respostas no 1º emprego e 96 respostas no emprego actual .

Apesar dos valores do gráfico anterior, mais de metade dos diplomados (56%) referem desempenhar as suas funções profissionais recorrendo ao que consideram a sua formação de carácter geral.

A grande maioria dos diplomados refere que no desempenho da sua actividade profissional existe uma grande utilização dos conhecimentos teóricos que adquiriram na parte lectiva do seu Curso. Saliente-se que este nível de utilização de conhecimentos se verifica tanto no 1º emprego como no emprego actual.

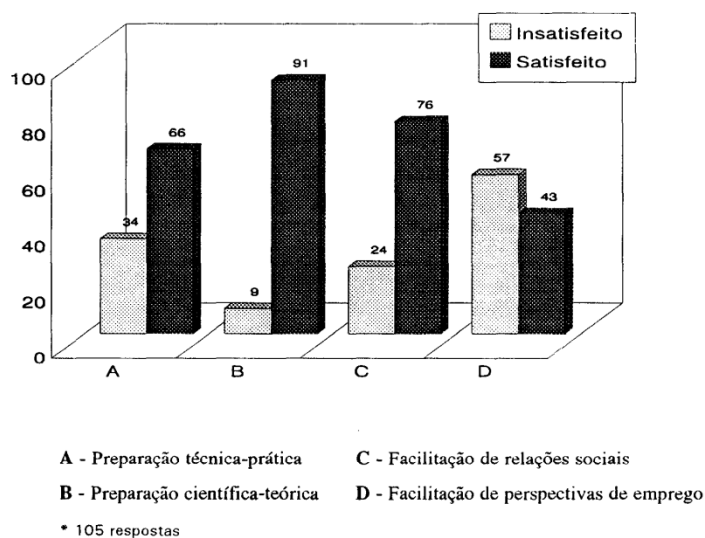
Em relação aos conhecimentos práticos adquiridos no mesmo período, a opinião sobre a sua utilização, apesar de ser ainda maioritariamente positiva, já não o é com o diferencial de valores que se verificaram no caso dos conhecimentos teóricos. De salientar, contudo, que se verifica um ligeiro aumento da utilização dos conhecimentos práticos do 1º emprego para o emprego actual.

Relativamente à **satisfação com o Curso** a grande maioria dos diplomados tem opinião favorável, nomeadamente no que diz respeito à formação e facilitação de

relações sociais (Fig. 17). Apesar disso, pensamos que a percentagem (34%) de diplomados que manifestaram insatisfação relativamente à formação prática, é bastante expressivo, dado que os Cursos das ESA's têm como objectivo formar técnicos essencialmente práticos.

No que diz respeito à facilitação de perspectivas de empregos, a maioria tem um opinião desfavorável, apesar de que a percentagem dos que têm opinião positiva sobre este aspecto ser ainda bastante representativa (43%). Portanto, o que parece ser posto em causa é o sector em que os Cursos estão inseridos e talvez a postura que estes assumem no mesmo, o que pensamos também ser um problema geral do ensino superior agrícola.

Figura 17 - Opinião sobre a satisfação com o Curso em relação aos critérios apresentados no questionário, (%).



Apesar da expressão dos resultados anteriores, relativos à ESACB, mais de metade dos diplomados referiram que não frequentariam de novo o mesmo Curso, se tal hipótese fosse possível. As razões com que apoiaram as suas respostas (Quadro 14), prendem-se fundamentalmente com o facto de constatarem uma falta de empregos relacionados com o Curso.

Quadro 14 - Razões pelas quais os diplomados da ESACB não tiravam de novo o mesmo Curso

Razões	Resp	(%)
Falta de empregos relacionados com o Curso	23	56
Preferia tirar uma licenciatura	4	10
Má formação	4	10
Falta de reconhecimento do Curso no mercado de trabalho	3	7
Por ser um Curso de bacharelato	3	7
Não correspondeu às expectativas	2	5
Por estar relacionado com o sector primário	2	5

41 respostas

Dados relativos à ESAS são mostradas no Quadro 15. Questionados os diplomados sobre se a formação adquirida ao longo do curso foi ou não a mais adequada para as actividades que desempenham, obtiveram-se, como é óbvio, respostas condizentes com o actual estado de inserção e emprego nos sectores respectivos.

Assim, a maioria dos inquiridos que responderam e que se encontram em actividades técnicas, consideram satisfatória a formação obtida. Referindo, no entanto, dificuldades em áreas específicas relacionadas com o desempenho especializado das mesmas actividades que, de forma geral, são abordadas de modo académico, ou por vezes não o são, em determinadas disciplinas.

Evidentemente, não pode a Escola abordar em profundidade todos os pormenores das actividades que os diplomados podem eventualmente vir a desempenhar, compete-lhe sim, no mínimo, dar orientação e fornecer o máximo de informação possível para posterior uso e aprofundamento nas diferentes actividades. Mas nada impede que se venham a promover cursos de curta duração, seminários, congressos, sobre temas e assuntos mais especializados que complementem conhecimentos e permitam o aprofundar de especializações, procurando, assim, minimizar as naturais dificuldades que cada técnico encontra ao inserir-se na actividade profissional.

Quadro 15- Distribuição dos diplomados respondentes, segundo consideram ou não satisfatória a formação obtida na ESAS, quando confrontada com a actividade desempenhada.

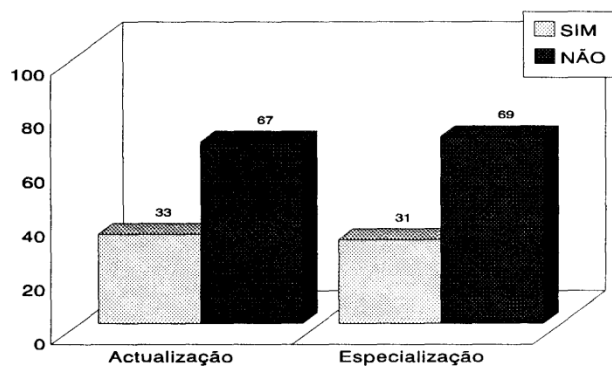
Cursos	Sim	Não	Indecisos
Prod. Agrícola	51,0%	43,3%	5,7%
Prod. Animal	39,3%	52,5%	8,2%
TIAA	73,9%	26,1%	0,0%

Escusado será referir que a maioria dos que respondem negativamente, se encontram no ensino; com a ressalva de que quase todos os alunos de TIAA que respondem negativamente, o fazem por não existir, na altura em que se formaram, uma disciplina específica de controlo de qualidade.

3 1 . Necessidades de formação

Cerca de metade dos diplomados da ESACB referiram ter adquirido mais **formação após a sua formatura**, através da frequência de Cursos de actualização (33%) ou então de especialização (31%), (Fig. 18). Verificou-se que os diplomados mais recentes têm recebido pouca formação de especialização, comparativamente com os diplomados mais antigos, constituindo estes últimos a maioria dos que referiram terem recebido formação especializada após o fim do seu Curso.

Figura 18- Tipo de formação efectuada pelos diplomados da ESACB após a formatura, (%).



* 93 respostas no 1º emprego e 98 respostas no emprego actual.

As razões que levaram os diplomados a adquirir a formação anteriormente referida, prendem-se fundamentalmente com dois aspectos:

- habilitarem-se para o desempenho das funções relacionadas com o emprego que obteve, ou pretende obter;
- melhorar a formação, qualitativa e quantitativamente.

Quadro 16 - Objectivos com que os diplomados da ESACB adquiriram formação após ao fim do Curso.

Objectivos	Resp	(%)
Poder assumir as funções nos empregos	16	43
Aumentar e melhorar conhecimentos	11	30
Actualização e especialização	4	11
Licenciar-se	3	8
Habilitar-se a outros empregos	2	5
Valorização curricular	1	3

Cada diplomado podia referir mais do que um objectivo.

No Quadro 17 apresentam-se os resultados referentes aos diplomados da ESAS que procuraram valorizar os seus conhecimentos, efectuando especializações ou cursos superiores (inscritos ou já obtidos).

Quadro 17 - Diplomados respondentes da ESAS que realizaram ou estão a realizar cursos de valorização socio-profissional ou escolar.

Cursos	Cursos de especialização	Ensino Superior
Prod. Agrícola	10 (14,0%)	22 (31,0%)
Prod. Animal	20 (32,8%)	17 (27,9%)
TIAA	4 (17,4%)	2 (08,7%)

Os cursos de especialização realizados estão quase sempre, na sua maioria, relacionados com a actividade profissional de quem os realiza. Sendo justificados por uma melhor adequação às funções a desempenhar nas empresas. Os cursos de formação de formadores também têm um peso elevado nos números apresentados.

No ensino superior a parcela maioritária corresponde aos diplomados que efectuam Cursos de Estudos Superiores Especializados, seguidos de perto pelos que frequentam cursos no Instituto Superior de Agronomia ou cursos de Engenharia Agrícola e Zootécnica em Évora.

As entidades que promoveram essa formação, relativamente aos diplomados da ESACB, são fundamentalmente as empresas, e só depois as entidades responsáveis pelo ensino superior e organismos do Estado, principalmente os relacionados com o sector agrário (Quadro 10).

Quadro 18 - Distribuição das principais entidades promotoras da formação adquirida pelos diplomados da ESACB.

Entidades promotoras	Resp	(%)
Empresas empregadoras	26	52
DGPA	8	16
ESA	7	14
Direcções Regionais de Agricultura	6	12
Empresas de formação	3	6

Quando interrogados sobre a necessidade de fazerem mais formação, a grande maioria (85%) dos diplomados da ESACB respondeu afirmativamente. O principal **objectivo com que os diplomados fundamentam a sua necessidade de mais formação** é o aumento de conhecimentos (Quadro 19). Por outro lado, este aumento de conhecimentos estará directamente relacionado com outros motivos como a melhoria do estatuto profissional, a progressão na carreira e a criação de novas perspectivas de emprego.

Quadro 19 - Identificação dos objectivos com que os diplomados da ESACB referem necessitarem de mais formação.

Objectivos	Resp	(%)
Aumentar e melhorar os conhecimentos	39	33
Melhorar o estatuto profissional	17	14
Especialização	14	12
Novas perspectivas de emprego	14	12
Realização profissional	14	12
Realização pessoal	7	5
Actualização	3	2

Cada diplomado podia referir mais do que um objectivo.

Se atendermos aos números apresentados no Quadro 17, relativos à ESAS, e ao facto da quase totalidade dos inquiridos se mostrar favorável a uma maior protagonismo por parte da ESAS em actividades de especialização e pós-graduação, expresso claramente pelas respostas efectuadas, cabe à Escola estudar formas de responder a esta procura, em ligação mais estreita com os diplomados.

Importante é referir a lucidez com que os inquiridos encaram este aspecto, pois a maioria deles independentemente do interesse pessoal por determinadas áreas, declaram sempre que tais actividades devem ser sempre enquadradas numa perspectiva realista e aprofundada dos temas actuais e, sobretudo, úteis nas diferentes actividades profissionais, e não na perspectiva do *curriculum*.

O Quadro 20, expressa as diversas áreas em que os diplomados da ESACB referiram necessitar de formação especializada, bem como a frequência relativa a cada uma dessas áreas. Apenas julgamos importante de referir que a maioria dos diplomados

que referiram necessitarem de formação em "Indústrias Agro-alimentares" serem do Curso de Produção Animal.

Quadro 20 - Principais áreas em que os diplomados da ESACB referem necessitar de formação.

Áreas de formação	Resp	(%)
Indústrias Agro-Alimentares	7	17
Pequenos Ruminantes	7	17
Fruticultura	6	14
Hortofruticultura	6	14
Silvicultura	6	14
Produção Animal	5	12
Olivicultura	5	12

Aqui ficam, algumas das sugestões apresentadas pelos diplomados da ESAS, por ordem de interesse manifestado, como podendo ser úteis para os diplomados, se desenvolvidas sob a forma de cursos de curta duração, seminários ou outras actividades:

Produção Agrícola:

- Contabilidade Agrícola e Gestão
- Técnicas de Marketing e Comercialização
- Conservação e Embalagem de Produtos Agrícolas
- Hidráulica Agrícola e Rega
- Mecanização
- Hortofruticultura
- Culturas Protegidas
- Sanidade Vegetal e Protecção Integrada
- Agricultura Biológica e Afins
- Técnicas de Fertilização
- Política Agrícola Comum

Produção Animal:

- Nutrição Animal
- Higiene e Sanidade Animal
- Reprodução Animal
- Melhoramento Animal
- Gestão de Explorações Agro-Pecuárias
- Gestão Cinegética

- Política Agrícola Comum

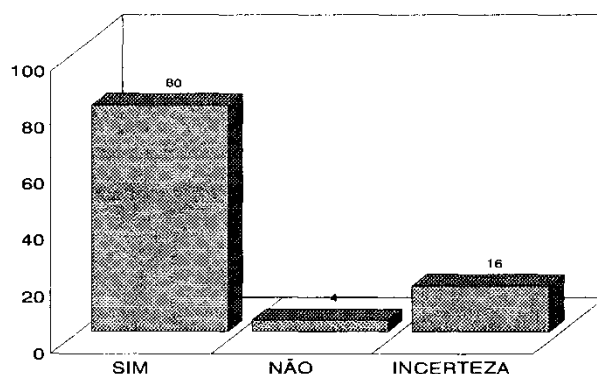
Tecnologia das Indústrias Agro-Alimentares:

- Gestão de Empresas Agro-Industriais
- Controlo de qualidade
- Frio Industrial
- Embalagem e Comercialização
- Enologia
- Legislação e Normas Comunitárias

A grande maioria dos diplomados da ESACB (80%) estaria na **disposição de frequentar um Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE)**, caso a ESACB lhes proporcionasse essa possibilidade (Fig 17).

As razões que acabamos de expor, estão na base de uma manifesta intenção dos diplomados perante a obtenção do grau de licenciado. A avaliar pela Figura 3, podemos concluir que é grande a disponibilidade para frequentar cursos que confirmam esse grau. Em certos casos foi-nos transmitido de forma clara, que ao pretenderem formação especializada, apresentavam como objectivo a aquisição de conhecimentos para melhor desempenho da actividade profissional actual.

Figura 19 - Disposição dos diplomados frequentarem um CESE na ESACB, (%).



* 92 respostas

As principais **dificuldades que os diplomados encontram em se especializarem** são o acesso aos CESE, a existência de poucos Cursos e, quando existem, são ministrados fora das suas possibilidades de deslocação.

Os diplomados identificaram algumas **formas de apoio** que gostariam que a ESACB lhes pudesse prestar (Quadro 21). Das modalidades identificadas surgem com particular realce a promoção e divulgação dos Cursos, promoção de CESEs e promoção e divulgação de outras acções de formação. As restantes medidas, apesar de referidas em menor percentagem, não deixam de ter um certo significado, quer em termos de representatividade quer em termos de conteúdo.

Quadro 21 - Formas de apoio da ESACB face aos seus diplomados.

Cada diplomado podia referir mais do que uma forma de apoio.

Formas de apoio aos diplomados	(%)
Promoção de acções de formação	41
Divulgar as acções de formação e as actividades da ESACB	39
Criação de CESE	35
Promoção e divulgação dos Cursos	16
Facultar contactos com os potenciais empregadores	15
Reuniões de debate com os professores e os ex-alunos	13
Bolsa de informação sobre empregos	13
Estudar e informar sobre o mercado de trabalho	9
Promover a qualidade dos Cursos	7
Apoio na procura de emprego	7
Apoio laboratorial e bibliográfico	5
Apoio profissional	4
Definição das carreiras	4
Boa formação dos docentes	2

Mais adiante no Quadro 22 procurou-se sistematizar as sugestões/críticas, apresentadas pelos Ex-Alunos da ESAS traduzindo desta forma o conteúdo dos termos e expressões mais frequentemente utilizadas.

Torna-se evidente uma grande preocupação dos Ex-Alunos da ESAS quanto à actual ligação Escola/realidade e inserção no sector agrícola, pelas sugestões aqui apresentadas.

Sugestões essas que visam sobretudo os aumentos da componente prática dos cursos, da qualidade dos mesmos e da qualidade dos docentes que os leccionam.

De igual modo se preocupam com que sejam estabelecidos os mecanismos que permitam promover um contacto do aluno com a realidade agrária e socio-rural. Nomeadamente, com o incremento das viagens de estudo, realização de colóquios e palestras com especialistas, técnicos e agricultores; o estabelecimento de protocolos com entidades que facilitem a obtenção de estágios e contactos mais adequados à realidade dos nossos campos, actividades agropecuárias e agro-industriais, populações e sociedades rurais.

Quadro 22 - Resumo das sugestões formuladas pelos diplomados da ESAS que responderam ao inquérito.

Sugestões	Prod. Agrícola	Prod. Animal	TIAA
1) Maior componente prática, aulas verdadeiramente práticas ligadas à realidade e com menor número de alunos	32 (45,0%)	25 (40,1%)	10 (43,5%)
2) Maior contacto com a realidade, mais visitas de estudo, colóquios com agricultores, empresários e especialistas	12 (16,9%)	17 (27,9%)	13 (56,5%)
3) Estabelecimento de protocolos com empresas e entidades públicas e privadas	8 (11,3%)	14 (22,9%)	6 (26,1%)
4) Melhores estágios, mais ligados à realidade, alteração do actual sistema de estágios e maior acompanhamento por parte dos docentes responsáveis pelos mesmos	15 (21,1%)	8 (13,1%)	2 (8,7%)
5) Melhoria de qualidade e maior empenhamento dos docentes (sobretudo na aquisição de maior experiência prática)	24 (33,8%)	4 (6,6%)	5 (21,7%)
6) Alteração curricular e uma menor especialização dos cursos	9 (12,7%)	6 (9,8%)	2 (8,7%)
7) Reconhecimento e divulgação dos cursos, bem como a emissão dos respectivos diplomas	8 (11,3%)	9 (14,8%)	8 (34,8%)
8) Selecção dos alunos em termos de vocação e menor número dos mesmos	8 (11,3%)	2 (3,3%)	0 (0,0%)
9) Criação de bolsa de empregos	2 (2,8%)	3 (4,9%)	0 (0,0%)

Outro dos aspectos a que os diplomados dão relativa importância é à promoção e divulgação da Escola e dos cursos que nela se desenvolvem, procurando atrair vocações e não multidoes de indecisos não colocados em outros cursos, para o efeito, e segundo os Ex-Alunos desta Escola, torna-se necessário recuperar o "bom nome" e histórico prestígio da mesma.

Ficam assim à consideração daqueles que se interessam pelo desenvolvimento do ensino da ESAS todas as conclusões que possam retirar dos dados apresentados neste quadro, esperando nós que os mesmos se mostrem de utilidade nomeadamente para a reestruturação dos cursos, programação das disciplinas e estágios, selecção e formação de docentes, apreciação dos *curriculae*, integração da ESAS e dos seus docentes e diplomados no espírito e objectivos da nova Política Agrícola Comum e modernização da agricultura portuguesa.

4 - Algumas conclusões

A análise dos resultados permitiu-nos retirar algumas conclusões de âmbito geral que apresentamos resumidamente:

- Há dificuldades em obter empregos relacionados com o sector agrícola.
- A maioria dos diplomados trabalham por conta de outrem em regime de contratos a prazo.
- Os diplomados desenvolvem funções profissionais relacionadas com todas as actividades do sector agrícola.
- A remuneração e a instabilidade no emprego são os dois principais factores de insatisfação profissional.
- Cerca de metade dos diplomados desenvolvem a sua actividade profissional na zona de influência da ESACB.
- Os diplomados sentem necessidade de formação especializada para obterem um melhor posicionamento face ao mercado de trabalho e para a concretização dos seus anseios profissionais.

Perante as conclusões que atrás referimos, permitimo-nos apresentar algumas indicações para a actuação face à problemática da inserção profissional dos diplomados:

- É necessário tomar medidas no sentido de se tentar desenvolver nos alunos /diplomados a capacidade de iniciativa, conduzindo a que estes venham a criar o seu

próprio emprego. Ao mesmo tempo serão necessárias medidas de apoio ao risco da iniciativa.

- Os currículos deverão ser mais flexíveis, com maior número de disciplinas de opção.
- Deverão ser proporcionados Cursos de formação de diversa natureza, de especialização de actualização, etc.
- Em termos de comunicação, pensamos que se poderão desenvolver esforços no sentido de a melhorar, nomeadamente entre Escola/Empresas e entre Escola /Diplomados.

BIBLIOGRAFIA

Adaixo, M. M. de S. (1994)

Percurso profissional dos ex-alunos da ESAS, Relatório do inquérito aos diplomados até Julho de 1992, Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior Agrária de Santarém, Santarém

Almeida, C. A. Morais de (1993)

Percurso profissional dos ex-alunos da ESACB, Relatório do inquérito aos diplomados até Julho de 1992, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior Agrária de Castelo Branco, Castelo Branco